

O YTORORO.

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS 11 DE OUTUBRO DE 1859. N. 6.

APONTAMENTOS HISTORICO COSMICOS.

Os conhecimentos astronómicos, tendo passado para a Grecia que os adquirira do Egypto, philosophos e mais famosos, sabios os mais illustrados, forão-os desenvolvendo e vulgarizando.

Não consta, porém, que antes de Platão tivessem concordado em um systema, e o estabelecessem. Visto que nenhum se encontra nos exegetas e commentadores. Historicos alguns factos e opiniões conjecturaes ou tradicionais, assim como algumas descrições de diversos philosophos, historiadores e poetas, onde se acham de envolta com outras materias estranhas ao objecto, diversas noções cosmologicas, esparsas em especies differentes de litteratura.

Acha-se por exemplo uma referencia de Newton a Clemente de Alexandria de ter este attribuido a Chiron, como constava n'um antigo poema grego intitulado — *Guerra dos Gigantes* — a coordenação de constellações, que, como preceptor de Jason, traçou em uma esphera para uso dos Argonautas. Para comprehender-se a epocha d'este facto, deve notar-se que Chiron, segundo Freret, nasceu no anno de 1120, antes de Jesus Christo. Na hypothese que contasse já por ventura 70 annos, o mais que deve julgar-se), quando construiu a esphera de que se trata, deixava ainda a esta uma existencia pelo menos de 1350 annos anteriores á era vulgar. Deduz-se, pois, que talvez fosse Chiron o primeiro entre os gregos, que já tivesse conhecimentos astronomicos; attendendo-se, porém, a ser elle posterior a Moysés, nada implica, a que os houvesse adquirido do Egypto, como já dissemos. Nem d'ahi se collige que os vulgares gregos estabelecesse d'elles um systema qualquer.

Na — *Iliada* de Homero, que floreceo 4 seculos depois de Chiron, nomea elle na descripção da flagella de Achilles, as constellações d'*Orion*, *Pleiades* e *Hyades*, e a *Ursa* principalmente as mesmas *Pleiades*.

Mas trabalhar, não;
Com um sim, não, e com um vilão;
Lamentando o tempo que se vai,
E além da vida, o mais.
Me chamarem bobão.

Lá isso não.

Andar com trinta e quatro;
Boa calça e losangas;
Vivendo sempre contente,
Passando por entre o mundo,
Sem medo de alguma coisa.

Lá isso sim.

Mas sem ter varão, não;
Andar feito um poltrão;
E quem escapar, não;
Pôr-me afinal numa cadeira;
De «velhaco» ou de «cabeleira».

Lá isso não.

Gostar de ler, não;
Ou passear num jardim;
E ao lado da mulher, não;
Chamar-lhe de mulher, não;
De meu canção, não.

Lá isso não.

Mas ir jogar, e pôr;
Dinheiro, tempo, e suor;
Ou num cavallão, não;
Achando talvez, não;
Em levar um trauco, não.

Lá isso não.

Ir casar, e uma filha;
Tão pura como um cristal;
Embora pobre, não;
Que eu chame de filha, não;
P'ella de setenta e nove.

Lá isso não.

Mas ir casar, e uma filha;
Ou fela como um cristal;
Sem fazer boia, não;
Gritando sempre, não;
Que o edote me faça, não.

Lá isso não.

Ler umas linhas, não;
Dum «Lemos», ou «Palmira»;
«Dum «Pallua», ou «Lemos»;
Ou notícias, não;
Dum soberbo, não.

Lá isso sim.

Mas ouvir sem-aboi;
Dum «discurso», ou «discurso»;
Insossas encrelhas, não;
Ou «prosa» boba, não;
D'insulso político, não.

Lá isso não.

Ver um amigo, não;
Que se interesse por mim;
Que me serva um ponto, não;
Com vontade, não.

Sendo a «camisada» o seu fim;
Lá isso sim.

Ma, ver um cynico vil;
Um monstro de ingratitude;
Que não perde um só centil;
Que por «cena» me leva «muito»;
Com menos peço, que um cão...

Lá isso não.

Viver com moça formosa;
Com seus dentes de «marfim»;
Embora nescia e vaidosa;
Cuja face imita a rosa;
Ou velludo carmesim.

Lá isso sim...

Mas «amal-a» mui deveras;
Com amor e com paixão;
Dizer-lhe phrases sinceras;
E ao altar ir com veras;
D'esposo, lhe dar a mão...

Lá isso não.

Sempre o meu proximo amar;
(Como o padre ama o latim);
Esmolas aos pobres dar;
Sem no bolso me faltar;
Quanto me chegue p'ra mim.

Lá isso sim.

Mas eu ser um perdulario;
Em toda e qualquer função;
Deixando-me ir ao succario;
D'um «chupista» fino e vario;
Que me chame paspalhão...

Lá isso não.

Ter prudencia, e ser ousado;
Em coisas que tem bom fim;
Da razão me pondo ao lado;
Tornando-me respeitado;
Sem tornar-me espadachim.

Lá isso sim.

Mas andar metido em brigas;
E ser forte campeão;
Das «tolos», das «raparigas»;
Das «casneiras», das «intrigas»;
Que nenhum lucro me dão...

Lá isso não.

Ter a bolsa recheiada;
Sentar-me em brando coxim;
Cama fôfa e aceiada;
Mesa lanta e variada;
Vinho fino e bom podim...

Lá isso sim.

Mas bolsa sem enchimento;
Sentar-me no duro chão;
Sem ter canja de espavento;
E tereses fazer um cento;
E não enfim «camaleão»...

Lá isso não!

Santos. — S. AZEVEDO.

Santos. — Typ. de Marques & Irmão.

da confusão do Alcatraz,
pões do parricídio, e
esquecidos dos pios
Chagrinhos, um dos
lugares no anno de 1821.

Haviamos caminhado
antes a uma venda por
lá, quando, parando d

— É esta a minha

Era um acachapado
porta carunchosa, e
pude observar a frons

— Pois abra a porta

Ella me levou a mão
e, introduzindo-a na febre,
para a pobre mulher, co

Profunda escuridão
grito de fera estupefacta
gorda. Era o acollimo

... e, por isso, os meus, de tudo
... e, entre tantos outros, nome
... do Alcatraz colonial, e a
... de Santo, que tem

... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns

... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns

... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns

... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns
... e, com a luz, encontrara alguns

(CONTINUA.)

POESIA.

Lá isso sim.

Lá isso não.

Ao meu amigo A. M. P. da Silva.

Ser amigo do bon
Que conserva o la
Num continuo S
Sendo do Porto,
Que alegre aos out
Lá isso sim.

Mas ir beber por
Da taverneiro vil
Tremendissimo
Que, sem licença do
Quer a força ser ch
Lá isso não.

Ir ao baile, ou á p
Feito mesmo um
Vendo essa bem
Muita dama diver
Com muito exp
Lá isso sim.

Mas ir beber sem graça,
Mas tempo perder em vão,
Por andar beber cachaca,
E lançar a uma careca
Mas velha que o pai Adão...
Lá isso não.

Por apostar o meu dinheiro
Em um jogo sem fim,
E, quando o malheiro
Longo Rio de Janeiro
Por um Santo por fim,
Lá isso sim.

Das portas com fraco juro
Vou apanhar d'um pobretão
Sem o ter muito seguro,
Sem mesmo lhe encontrar furo,
Mas apital vir a mão...
Lá isso não.

Com o malheiro, sem custo
Fazendo versos assim,
Deszido não tendo susto,
E, quando até muito justo
Que todos gostem de mim,
Lá isso sim.

1. Através da
muita verdade
devenha a história.

Segundo do
rua d'este nome
atravessamos.

Pelourinho
ou do castigo, da
distintivo e fies
horível da pena
povo de então
nomes que a me
memória dos n

Dentro as ruas
1853 na cidade
ocupar o pri
de impressiona

Formado de
numanda e ti
Matadouro novo
serie de caseb
em raras casa
nunciado, como
nas profund
teriosa e somb
equipatica, comp
e esfarrapadas, a
stituição, criança
ruas. Para mo
um becco escuso
que se pronunc
relmente descob

Na época de
nominada rua
todo o genero
sua apathia ord
quências, dos p
moscavão recu
reprodução cet

Hoje, não se
a physionomia
qual se apresent

Uma coisa
memória foi ex
eminencia ou na

(2) Attesta-se
para a Historia
dade de recomen
lo de Piratinin
defronte o Col
no largo de que
ha muitos ann
primaria, mand
o caso da Fran
culo 2 pelourin
onde era a prim
foi demolido ha

(3) Segundo me
colina ou esplan

... porque distrahio... do...
... testando-lhe o fio, e pelourinho

... a travessa do Quartel, e entrea
... a largo do Pelourinho,
... da Forca.

... Faccidolo, um de poste da ignomina
... escravidão e barbaria, indispensavel
... a procissão ou instrumento
... outrora por tales objectos, a
... a viella com os nomes d'elle
... ainda conserva

... que se podiao observar no anno da graça de
... antes o bairro da Forca devia por sem duvida
... objecto fôrmo ás reflexões do philosopho e capaz
... de romancista.

... se podiam chamar a uma viella estreita e curta,
... a uma dola d'umadescida para o largo caminho do
... para as bandas do cemiterio de uma
... duas outras parallelas, consistentes
... na largura de um declive bastante pro
... dos predios da primeira, a terceira
... Forca offerecia um aspecto sinistro e mys
... Habitava-o uma raça «sui generis» e es
... mulheres e crianças, mulheres esqualidas
... mais profunda e da mais degradante pro
... se revolvão todo o santo dia na lama putrida das
... e o bairro que descrevo, ali se notava
... com um nome ignobil, que o decoro prohibe
... com razão chamar a essa parte, ge
... a «cité» de S. Paulo.

... propriamente de
... perturbadas por aventuras amorosas de
... que distrahão os seus habitantes da
... por vezes coroadas de fâneas conse
... de mulheres que se mi
... das mais torpes injurias, se
... das trévas.

... está demudado ou conserva ainda
... mysterios á noite, debaixo da

... que jámais se me apagará da
... Existião sobre uma pequena
... na fmda rua da Forca, á esquerda

... na sua preciosa obra — Memoria
... fundando-se na autori
... Pelourinho que possuio «S. Pau
... Mem de Sá em 1569
... que houvesse segundo e posterior
... o pelourinho, que, ainda não
... e convento do Carmo, tivera um
... a praia e o solo onde hoje existe
... Da mesma forma S. Vicente pos
... pelo mar, que hoje cobre o sitio
... 20 e 21, n.º 60 e 61 — e o 22

... este o ponto mais elevado da immensa
... a calçada.

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

II. O CAMIÃO DA FORÇA.

A noite estava fria e humida. Flocos de neblina, propria da estação e muito commun nas noites de inverno em S. Paulo, partavam na atmosphera, estendendo o seu manto alvadio sobre a cidade. A luz do Quartel, de todo erma e mergulhada no mais profundo silencio era apenas allumada de longe em longe pela luz mortua dos raros lampeões que nella então existiam. De tempos a tempos ouvia-se unicamente o piar lugubre e monotono d'uma coruja sobre o telhado do quartel.

Conheceis por ventura a terra natal de Amador Bueno? Lembrais-vos dos seus mil estreitos beccos, ruas velhas e mais innumeradas, beccos, viellas e ruas em grande parte habitadas por familias obscuras, pobres mulheres, proletarios, gente que não se sabe como, nem de que vive? S. Paulo! cidade por excellencia triste, mas poetica d'uma poesia sombria e languida, cidade em cujas ruas se encontra a cada passo um soldado, um padre, um estudante, uma mulher, cidade de tantos mysterios, dramas intimos e desgraças ignotas, cidade onde a prostituição é uma praga que flagella a população mais numerosa e fraca da classe baixa, a miséria o effeito de uma epidemia sem nome, não fostes vós o theatro onde se inspirou principalmente a obra de Alvaro de Azevedo, esse genio criança, amamentado por Byron e Milton, a sede amarga do «spleen» e da descrença, não fostes vós a fonte onde bebem a poesia lamartiniana o merencorio Bernardo Guimarães? Oh! sim, e por isso no inverno a atmosphera de vossas ruas, é triste-nho sempre o aspecto de vossas ruas sempre cheias de devassidoes as vossas noites! Quanta vergonha não se esconde sob as trevas da indigencia! Quanta filha do povo não chora a honra perdida e a respiração arrastando-se no negro tremedal do vicio, o ar corrupto da embriaguez e do deboche!... Quanto filho sem pai!... Quanta mãe deshumana que mata no ventre o feto mal desenvolvido!... Quanto pai que cõra do fructo dos seus amores occultos, e o desconhece... por vaidade e sem consciencia!

S. Paulo é uma cidade, cuja existência e estudo vos deixa uma longa e profunda impressão n'alma. Não é de pouca conta que como os cysnes da poesia brasileira, de que fallei, tantos outros poetas, cantando os seus primeiros cantos, elevando-se nas azas das suas musas variadas, se elevam o murmuro suspiroso do «Anhangabohu» ou ao contemplarem a natureza dos rios e do placido Tamandua-tehy (1). Na primavera da vida, que vêem passar a infância, onde a Faculdade de Direito semeia um grande foco de luzes que allumam a mais longinquas raia do paiz, esses poetas tem alli repartido as suas horas entre os estudos escolasticos e os devaneios da fantasia, e não são raros desgraçados que, ao imingado catalogo dos nossos vates, aquellos que, havendo balbuciado os seus primeiros versos inspirados pelo bello clima da rainha dos campos de Piratininga, que brada para sempre a lyra ao perderem de vista as suas casinhas de rotulas e de torre ponteadas.

1. «Anhangabahu» e «Tamandua-tehy», corruptelas dos vocabulos indigenas «Anhangaba-hy» (Agua da d'abruta) e «Tamandua-ete-hy» (Agua do Tamandua-bandeira), conforme se pôde ver na Historia Geral do Brasil de F. A. Varnhagen, Tomo I, Secção XVII pag. 318. O rio Anhangaba é um ribeiro que serpêa entre a cidade de S. Paulo e a floresta de Piratininga, e o rio Tamandua é um pequeno rio que para o lado do rio Anhangaba, correndo ao longo de uma serra de Piratininga.

levarem a deus as mesmas potencias extranhas! Seria para esse fim reprovado que Deos com tanta solicitude formou o homem? E' triste e tenebroso, não, eu não posso dizer o que a lei é uma burla, a lei não existe; a lei tal qual eu quero dizer a força, e a força não é nem o direito, nem a justiça.

E', pois, do dever de todo o homem conscio de sua dignidade oppôr uma resistencia decida e tenaz ao despota que agrilhoa o homem, e agrilhoando o homem, insulta a Deo, que é a perfeição. Quem negará que os assassinos de Leonidas e de seus trezentos bravos obravão em nome da lei?... e n'este caso o que era a lei? Se os que pugnávão pela lei de Xerxes erão homens justos, o que seriam os defensores denodados da liberdade grega nos desfiladeiros das Thermopylas?... o logico mais consumado que responda! Nos tempos turbulentos da monarchia romana, quem sustentava a lei, aquelles que erão chamadas facciosos ou os que imperavão? Quando Carlos 1.^o de Inglaterra e o parlamento se combatião, de que lado estava a lei? Nos dias da Constituinte Franceza, quem pugnava pelos direitos da lei, Luiz 16 ou os representantes do povo sublevado? Muitos exemplos iguaes a estes poderião ser com facilidade produzidos; o trabalho, porém, é excusado porque elles superabundão. Responda a razão calma e fria: lancemos por um momento as vistas para o quadro medonho e tenebroso da Europa de nossos dias: de um lado vemos os reis do alto de seus thronos, fulminando o que elles chamão leis contra os direitos mais sagrados e reconhecidos de seus povos, que, na abjecção mais deploravel, de tudo necessitão; do outro, os chefes do povo de mão armada protestando contra o poder regio! Seria para chegarmos a esse ponto atribulado que o homem tem com paciencia soffrido durante sessenta seculos? Seria para isso que a victima do Golgotha, soltou estas palavras repassadas de angustia: — Eloi, Eloi, Lamma Sabacthani! E' porque, o Homem Deos previa o que deveria acontecer. A lei, pois, da justiça não existe ainda entre os homens; o que existe é a prepotencia que plantou a desigualdade entre os homens, a desigualdade attenta contra a liberdade; attenta portanto, contra o pensamento, contra a intelligencia e finalmente contra Deos! Será isso um absurdo ou um paradoxo? não é um absurdo, nem um paradoxo, é a verdade! Appellamos para os profundos pensadores. Somos brasileiros, estamos pois acostumados á considerar o nosso pensamento tão livre como o condor dos Andes ou as aguas dos montes que para o mar correm. Somos falliveis, nossas opiniões poderão ser erroneas, mas temos a virtude de enuncial-as livremente. Pois que somos do imperio de Santa Cruz, portanto livres, prestamos culto á verdade e á justiça, registrando as palavras que se seguem: se ha um lugar no mundo onde a lei quasi se iguala com a justiça, esse lugar é indubitavelmente o Brazil; e de certo assim devia ser, o imperio que occupa a mais bella porção do globo, que contempla maravilhado os cimos do Chimborazo, do Cotopaxi e do Sorota, os gigantes Amazonas, Prata e Orinoco, devia ser isto quanto pó le sel-o a humanidade. O povo entre todos o mais amado de Deos, entre o qual elle de certo plantará o seu tabernaculo, quando os preconceitos prejudiciaes e funestos findarem; este povo que já na sua infancia tem consummado prodigios; este povo indicado para levar a effeito a fraternidade entre os homens; este povo, de certo reconhecerá a justiça das palavras que enunciamos. Fallamos para o publico; portanto para a vida do futuro, que é a posteridade; dizemos, pois, pura e simplesmente a verdade.

(Continúa)

6226111

A. S. GILMAN, JR. and C. HODGKIN

1900. — 1. *Journal d'agriculture* (supplément)
2. *Journal d'agriculture* (supplément)
3. *Journal d'agriculture* (supplément)
4. *Journal d'agriculture* (supplément)
5. *Journal d'agriculture* (supplément)
6. *Journal d'agriculture* (supplément)
7. *Journal d'agriculture* (supplément)
8. *Journal d'agriculture* (supplément)
9. *Journal d'agriculture* (supplément)
10. *Journal d'agriculture* (supplément)

I would be quite a hard, on this charming
I would be quite a hard of paradise if
I would be quite a hard of paradise if

(c) $\text{deroid}(d, a)$

É da barra de Santo Amaro o estridor das ondas que, vindo de longe, expirão amorosamente debaixo as orlas do berço dos Andradas; em face da natureza pomposa e magnifica da terra dos patriarchas, capaz por sua magnitude esplendida de inspirar a intelligencia mais glacial e enfre-
quecida, de inspirar o heroismo sublimado dos heróes athletas dos tempos infantis da Grecia, e consentimentos mais atrojados, mais aulazes, o mesmo poeta magestoso se levanta da — Jerusalem Libertada; — é pois, desta terra de promissão, e a que se achia em cada folha impresso o dedo gigante do Architecto, que sobrevive a lei. — Minhas palavras pallidas, meus conhecimentos anes, não darão tanta luta, não darão ideia desta palavra grandiloquente que se chama o mundo!

Havendo Deos proclama a soberania ter do Universo, não o sujeitou em principio a uma prescripção que não o da mais pura moralidade: tendo, porem, a humanidade se declarado contra a calma e tranquillidade posse do reinado da lei, a omnipotencia, cahio elle de absolutismo ha pouco as armas e entregou a fronte altiva á lei escripta! Desde esse momento com que a lei continuada e renhida entre a intelligencia que tentava libertar-se das leis da lei e a força della que, empregando a energia do sangue, se contrariava o pensamento que heroicamente reagia! Essa luta que tem por arena a face do orbe, ainda se sustenta com a persistencia do desespero: quando cessar, a humanidade estará regenerada, e o pensamento, com a robustez primitiva, de novo tomará seu vôo para junto da Immensidade, a altura da qual orgulhoso se sentará. Até que chegue esse momento, o filho da lei, despojado de sua magestade, sofrerá as consequencias inevitaveis do anathema do Eden, que o privou do destino grandioso para o qual porem foi creado. Na verdade, a lei quer dizer o castigo, e o castigo é a lei dos direitos sagrados da liberdade; em quanto existir a lei, o homem não se livra, embora o utopismo dos ideologos vise á perfeição. A autoridade quer a sujeição, e a sujeição aniquila a inviolabilidade do homem. Que significação das leis de Lycurgo, de Draco, de Solon? por ventura a sustentam ellas o direito imprescriptivel do filho bem amado de Israel? A lei impera em todos os angulos da terra, entre as tribos da Arabia, nas florestas copadas da America, nos desertos da Africa, nos saes dourados da Europa, por toda a parte, e a lei não se imagina! Se a lei sustentasse a justiça, seu dominio seria universal, e a lei seria a lei para todos a lei prole o poderoso, o esmagado, o humilhado, o oprimido, o oprimido da humanidade! Tem-se visto em alguns reinos da Europa, e em outros, a humanidade

meos processos e meos talentos, e a que se dá pacifica de bens, como com-
plemento das suas necessidades, e a que se dá a liberdade de estarte o seu *to-suam*;
não terá por sua vez, e por sua vez, o direito de requisitar
d'elles, em compen-
sation, e fora de n-

Temos, emseguida, a necessidade de Thiers, que — a
resolução do imposto

Continúa.

VII. A VELHA DE SOLATRO

Depois do almoço, o velho Solatro, deixando a sua mulher o exercicio d'esse
acto de beneficencia, tomou a sua habitual e solitaria passeio, e foi
dar uma volta pela montanha.

Lia subiu ao pavilhão de Avellino, e na direcção de Avellino. D'esta
vez elle não ia a Napoli.

Elle reserrou, de repente, a porta da casa, e a primeira constancia em que se achava
a sós consigo mesma.

Dentro em pouco saia a porta da casa, e a primeira constancia em que se achava
a sós consigo mesma.

Lia desceu, tomou a sua habitual e solitaria passeio, e foi
parque. Todos tiveram a sua parte, e cada um estendeu
a mão vazia e retirou-se entrego a si em uma esmola.

Ao passo que se opera a distribuição, aquelles que haviam recebido se reti-
ravão e davão lugar a outros. Havia um momento uma mulher velha sentada sobre
uma pedra, a qual nada se podia ver, e parecia-se como se estivesse dormindo,
tinha a cabeça inclinada para a terra.

Lia chamou-a, ella não se moveu. E de alguns passos para ella, a velha
ficou immovel; finalmente, ella pôz a mão no hombro e ella levantou a cabeça.

— Attendei, boa mulher, e aqui he a esmola apresentando-lhe uma pequena moe-
da de prata, tomad e orae por mim.

— Eu não peço esmola, senão a vossa, e o meu officio é dizer a buena d'icha.

Lia olhou então para a velha, e elle parecia uma pobre e reconheceu seu
engano.

De feito seu traje, que era o das camponesas de Solatro e de Avellino, não
indicava precisamente a natureza e reputação de uma saia orlada com uma espe-
cie de bordado grego, um cinto de lã, um pancho encarnado, um guardanapo cingindo-
lhe a testa á moda d'Aquila, e um cinto de arabescos, e largas mangas
de fazenda escura por onde saíam de os braços nus. Sua cabeça, que poderia
ter servido de modelo a senhora para pintar uma d'aquellas aldeãs de sua paixão,
era cheia de energia e por isso parecia-lhe triste. As rugas que lhe sulcavão o rosto
erao tão profundas quanto a da vida, e a burla. Todo o seu semblante apresen-
tava a immobildade da vida, e os seus olhos tinham vida e parecião
possuir o dom de ler a vida em tudo.

Lia reconheceu uma mulher de Solatro, e esta vida errante lhes ha revelado alguns
dos segredos da natureza, e a vida errante e especulando sobre a ignorancia ou a
curiosidade publica. Lia reconheceu a vida errante e especulando sobre a ignorancia ou a
curiosidade publica. Lia reconheceu a vida errante e especulando sobre a ignorancia ou a
curiosidade publica. Lia reconheceu a vida errante e especulando sobre a ignorancia ou a
curiosidade publica.

— Então? não peço esmola, senão a vossa, e o meu officio é dizer a buena d'icha.

na evidente utilidade da instituição da magistratura, á qual compete não só observar, mas também executar os preceitos emanados do poder competente, senão também estabelecer as leis emergentes. Além disso, assiste ao Estado o pio dever de lhe cair no coração do seu povo esses sentimentos religiosos, que são por si mesmos a consolidação e o verdadeiro cimento de suas instituições políticas. É a Religião, que todo e qualquer povo deve ter como o Architecto, que illumine as ríspidas avenidas da vida, a fim de que não caia o seu povo ás ideias de premio e castigo distribuídos na exterior mansão? É a Religião que, vinculando as relações dos cidadãos, a estes contribui a medida que pela mão a entranharem-se seguros pela ampliação do progresso.

Para levar a effecto esta condição, convem que o Estado, para o exercicio de um ministério tão grandioso, como de tão palpitante interesse, escolha órgãos taes, para por da instrucção e virtudes que devem caracterisal-os, pratiquem de modo que, por sua vida exemplar, na subministração de alimento espiritual, se tornem credores da gloriosa estima e honra devidas á excellencia do sacerdotio.

E como entretanto o exercito e a marinha, elementos de força sim, mas verdadeiramente servilizes dos direitos magestáticos de um Estado? Como cultivarem-se as relações diplomaticas, por meio de emissarios enviados para o seio de outras Nações? Como assegurarem-se os meios de subsistencia aos que assumem os importantissimos encargos da administração da justiça? Como realisarem os sacerdotes a sua sacra missão, a não dispor o Estado de recursos pecuniaros para todas as classes elemento vital? De mais, como aiestarem-se os outros do thesouro publico, donde extrahem-se as sommas para a satisfação de certos compromissos, pelos quaes tão violentamente clama o bem publico?

Removentes-se os obstaculos, a ordem restabelece-se, desde que lembrarmos-nos que a primeira e o expediente de que se lance mão sana tudo: eis o imposto.

O imposto, como define o illustrado Lamartine) é o aluguel pago por cada cidadão ao Estado da comunidade, pelo lugar que occupa sobre o terreno, no edificio sob a protecção das leis da sociedade.

O imposto, como sensatamente exprime-se este mesmo escriptor, não é improductivo, não é uma perda esteril, não é ainda um empobrecimento, como o pretendem os ignorantes.

O imposto estimula o trabalho, expelle a indolencia e promove a riqueza por quanto a elevação do imposto o contribuinte tem de pôr em actividade as suas forças para não facilmente suppril-o, o que inquestionavelmente coopera para o aumento do seu patrimonio. Accresce que o imposto, procedendo de cada um dos contribuintes, reverte, frequentes vezes, em prol d'aquelles mesmos que, contribuindo proporcionalmente, são investidos de diversos empregos publicos.

A paz, que faz esperar a riqueza, facultando aos particulares os meios tranquillos para que elle possa dar-lhe impulso conveniente, tem em grande parte a sua garantia no exercito e outros accessorios, que trazem á ideia immediatamente o objecto, subvencões e tantos outros gastos de que não pôde o Estado abster-se.

Se os cidadãos exercitam um direito exigindo do governo constituído os

Assim pois, a obra
tenha persistido, e
consta, contado, que
foi modificado sem d
guns philosophos gr

em um tempo, cuja obediência
foi a de um tempo, e não a de um
tempo, e não a de um tempo, e não a de um
tempo, e não a de um tempo, e não a de um

II. T. N. G.

Continuação.

DIREITO PUBLICO CONSTITUCIONAL.

Do direito publico constitucional

Do direito publico constitucional

Do direito publico constitucional

L. MARTINE.

Desde que um Estado se estabelece, e que é tido em conta
de soberano livre e independente, e que, *ipso facto*, adquirido direitos ao
emprego dos meios, para a defesa de seus direitos absolutos, bem como
para a repulsa das aggressões, e para a evitar de soffrer, sem contudo exorbi-
tar das extremas da lei do direito.

Para isso torna-se, e é, a indispensavel necessidade a organização de
um exercito tão regularizado e tão disciplinado quanto seja sufficiente para guar-
necer e defender as fronteiras do Estado, e a integridade do ter-
ritorio nacional, reivindicando os seus attributos da nação quando usur-
pados ou postergados por uma terceira, e a preponderancia de uma terceira. A
criação da marinha não é, e não é, a segunda necessidade reclamada.

Por ella o estandarte da nação se eleva de um a outro hemispherio, de-
senvolve a protecção devida a todos os cidadãos, quando lesados em seus
interesses, é o pavez de guerra, e o orgão para quebrar os golpes iníquos
despedidos contra os que a nação beneficia.

Só com isso, porém, não se esgota os seus fins um Estado, ainda é-lhe
indispensavel estabelecer o equilibrio entre os seus membros:
prescrevendo-lhes normas de conduta, e mantendo a equidade, segundo as
quas possam elles harmonizar as suas acções e resolverem-se principalmente
as lutas, por ventura, e a defesa dos direitos individuaes: eis a
necessidade da administração interna.

Ora, a justiça não é, e não é, o movimento proprio, donde se tor-

1. Não temos indicado a origem que floresce em Zoroastro e Atlas, por
que aquella que acerca de Zoroastro e Atlas, e Hemippo é inadmissivel,
elevando-a, um a 6, outro a 10, e outro a 100, antes de Platão. Quanto á de Atlas,
vem a ser do tempo de Póro, e a de Hemippo a alguns annos depois da fundação
de Tebas. Assim, em um tempo, e não a de um tempo, e não a de um tempo, e não a de um

mo logo. A. V. ... Ber da Assyria, the ...
expresso-se J

Postremo ... Bactrianorum, fuit, qui pri-
mus dicitur ... mundi principia, siferumque
motus diligendi ... *Enquanto teve guerra com Zoroastro,*
rei dos Bactria ... a primeira que descobriu
as artes magicas ... os principios da tactica
e movimentos.

Outros ... querem que fosse Atlas.

Lê-se na ... Atlantiem humeris eorum sustinuisse dicitur, quia
primus cursum Solis ... omnium deprehendit, idest As-
trogiam invenit, ... *Diz-se que Atlas sustentava*
o céu nos hombros ... que conheceu o curso do Sol, da
Lua e de todos ... a Astrologia e construiu a
esphera.

Não se pode, portanto, entre opiniões tão diversas colligir qual fosse
realmente o lugar em que tiveram começo as primeiras noções de Cosmologia
anteriores ás que se applicam aos Egyptos, e depois aos Gregos.

Pelo que pertence ao Egypto, sabe-se que essas noções existão já no tem-
po de Moysés: pois, quanto achamos na Biblia, no livro de Job, declaradas
as constellações ... e sendo esse livro escripto pelo
mesmo Moysés, com o ... mais geral, fallecendo este no anno 1451
antes da era christã, ... seu nascimento 120 annos antes no Egypto,
bem como a accuracia das sciencias, é claro que já alli existião conhecimen-
tos cosmologicos ... 1500 annos antes da nossa era. E sem duvida
alli se estabeleceu um systema completo, como é sabido; o que queremos po-
rém demonstrar é que esse systema tal systema não fosse logo vulgarisado, to-
davia por estes trechos se conhece sua antiguidade. E aqui é forçoso dis-
siper uma duvida, que facilmente tem de suscitar-se. As denominações
de Pleiades, Hyades, etc., são gregas, o que parece estar em contradicção
com o texto, visto que esses nomes não são do tempo de Moysés. Deve
porem notar-se que, ... o texto hebraico, era necessario
que os Septenta ... as denominações egypcias pelas gregas cor-
respondentes, uma vez que ellas se achavam em uso.

Deve tambem notar-se, que se por ventura existio, antes do egypcio, sys-
tema cosmologico ... deveria ter sido em mui diminuto desen-
volvimento, attendo-se ... de todas as produções do espirito
humano em suas origens. E alem disso ignora-se que tivesse permanencia,
a qual aliás subsistia no Egypto ao menos na parte respectiva ás constellações
do Zodiaco. A ... 12 asterismos d'este são ainda actualmente
as mesmas dos Egyptos, que a coordenaram, significando symbolos, tanto
assim que presidiam a ... sendo o *Aries* consagrado a Jupiter
Hammon, o *Taurus* ... Apis, o *Gemini* correspondendo ao
Horus e Harpocrato deus indissociaveis, o *Cancer* sendo consagra-
do a Anubis, o *Leo* pertencendo a Osiris o Sol, a *Virgo* á Isis (Lua)
a *Libra* com o *Scorpio* a Epher, o *Sagittarius* a Hercules, o *Capricornus*
a Mendes, os *Pisces* a Xodis, finalmente o *Aquario* significando o preceito
de irrencher-semos ... em Lemno, mez denominado — Tybi.